



Introdução: um dom espiritual que levanta perguntas

Nas últimas décadas tornou-se cada vez mais comum ouvir falar do chamado “*dom de línguas*” em ambientes cristãos, especialmente dentro de certos movimentos carismáticos. Muitas pessoas já viram ou ouviram orações compostas por sílabas incompreensíveis pronunciadas com grande fervor espiritual. Alguns consideram isso uma manifestação do Espírito Santo. Outros sentem confusão ou até mesmo dúvidas.

Mas surge uma pergunta fundamental para qualquer cristão que deseja viver sua fé com fidelidade: **isso é a mesma coisa que o dom de línguas que aparece na Bíblia?**

Para responder com seriedade, é necessário voltar às fontes: a **Sagrada Escritura**, a **Tradição da Igreja** e a **reflexão teológica**. Somente assim poderemos compreender o que foi realmente a **glossolalia autêntica**, isto é, o dom de línguas concedido aos Apóstolos, e de que modo ele difere do fenómeno moderno que às vezes é apresentado com o mesmo nome.

Este tema não é apenas académico. Compreendê-lo corretamente ajuda a **discernir os dons espirituais**, evitar confusões e crescer numa fé sólida, centrada em Cristo e guiada pelo Espírito Santo.

1. O dom de línguas na Bíblia: o acontecimento de Pentecostes

A primeira e mais clara aparição do dom de línguas encontra-se no **Livro dos Atos dos Apóstolos**, no momento fundacional da Igreja: **Pentecostes**.

A cena é poderosa. Os Apóstolos, reunidos em oração junto com a Virgem Maria, recebem a efusão do Espírito Santo. Imediatamente acontece algo extraordinário.

“Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem.”



| (Atos 2,4)

O surpreendente não é apenas o fato de falarem em outras línguas, mas também o que acontece com aqueles que os escutam:

| *“Cada um os ouvia falar em sua própria língua.”*
(Atos 2,6)

O texto bíblico menciona povos concretos:

- Partos
- Medos
- Elamitas
- habitantes da Mesopotâmia
- judeus da Capadócia, do Ponto e da Ásia
- do Egito e da Líbia
- romanos

Cada um **compreendia perfeitamente a mensagem.**

Um milagre missionário

O dom de línguas em Pentecostes tem um objetivo muito claro: **anunciar o Evangelho a todos os povos.**

Não se trata de sons incompreensíveis, mas de **línguas reais** que os Apóstolos nunca haviam aprendido.

Em termos teológicos, isso é chamado de **xenoglossia**, isto é, a capacidade sobrenatural de falar uma língua estrangeira.

Esse milagre responde a uma necessidade concreta: **a universalidade da Igreja.** O Evangelho não estava destinado apenas a um povo ou cultura, mas a toda a humanidade.

Pentecostes é, de certo modo, **a inversão da Torre de Babel.** Onde antes havia confusão de línguas, agora o Espírito cria **comunhão na diversidade.**



2. O que a Igreja primitiva entendia por “dom de línguas”

Os primeiros cristãos compreendiam o dom de línguas dentro do contexto da **missão apostólica**.

Os Padres da Igreja refletiram sobre isso. Por exemplo, **Santo Agostinho** explicava que esse dom teve uma função específica nos primeiros tempos da Igreja: mostrar que o Evangelho era destinado a todas as nações.

Em seus escritos ele observa que esse dom **não era necessário em todos os tempos**, pois, depois que o Evangelho se espalhou entre diferentes povos, a Igreja já possuía pregadores de diversas culturas e línguas.

Em outras palavras:

- o dom era **um sinal fundacional**
- tinha **um propósito missionário concreto**
- não era uma manifestação emocional ou puramente privada

Para a Igreja primitiva, o verdadeiro dom de línguas estava sempre **orientado para a evangelização e para a compreensão da mensagem**.

3. São Paulo e o discernimento dos carismas

O tema das línguas também aparece na **Primeira Carta aos Coríntios**, onde São Paulo aborda alguns desordens na comunidade.

A cidade de Corinto era um ambiente culturalmente complexo e espiritualmente entusiasmado. Alguns cristãos pareciam valorizar certos carismas mais por seu caráter espetacular do que por sua utilidade.



Por isso São Paulo estabelece critérios claros.

“Se alguém falar em línguas, que falem dois ou no máximo três, cada um por sua vez, e haja quem interprete.”
(1 Coríntios 14,27)

E ele acrescenta algo muito importante:

“Na igreja prefiro falar cinco palavras com o meu entendimento para instruir também os outros, do que dez mil palavras em línguas.”
(1 Coríntios 14,19)

Aqui encontramos um princípio pastoral fundamental:

Um verdadeiro carisma sempre edifica a comunidade.

Se uma manifestação espiritual não ajuda a compreender a mensagem, a crescer na fé ou a construir a Igreja, ela perde o seu sentido.

4. O fenómeno moderno da “glossolalia”

No século XX, especialmente a partir do movimento pentecostal e depois em alguns ambientes carismáticos, tornou-se popular uma prática também chamada de “falar em línguas”.

No entanto, na maioria dos casos consiste em:

- sons espontâneos
- sílabas repetitivas



- estruturas linguísticas sem significado identificável

Estudos linguísticos realizados sobre esse fenómeno demonstraram que **não correspondem a línguas reais**.

Por essa razão muitos teólogos distinguem entre:

1. Xenoglossia

Falar línguas reais desconhecidas pelo falante.

2. Glossolalia moderna

Expressões vocais de carácter extático ou emocional.

O problema surge quando os dois fenómenos **são identificados como se fossem a mesma coisa**.

Do ponto de vista bíblico, **não são equivalentes**.

5. Diferenças principais entre o dom apostólico e a glossolalia moderna

Para compreender melhor a questão, é útil observar algumas diferenças fundamentais.

1. Compreensão da mensagem

Em Pentecostes:

- todos compreendiam a mensagem.

Na glossolalia moderna:

- geralmente ninguém entende o que está sendo dito.



2. Línguas reais

No caso apostólico:

- tratava-se de línguas humanas existentes.

No fenómeno moderno:

- não correspondem a línguas identificáveis.
-

3. Finalidade missionária

O dom apostólico tinha um objetivo claro:

pregar o Evangelho a todas as nações.

A glossolalia moderna costuma ter um carácter **devocional ou emocional**.

4. Ordem na comunidade

São Paulo insiste na **ordem e no discernimento**.

O Espírito Santo não produz confusão.

“Deus não é Deus de confusão, mas de paz.”
(1 Coríntios 14,33)



6. O verdadeiro centro da vida cristã: não os carismas, mas a caridade

Um dos erros espirituais mais comuns é **colocar o foco nos fenómenos extraordinários**.

Mas São Paulo oferece um ensinamento decisivo no capítulo 13 da Primeira Carta aos Coríntios.

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse amor, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que retine.”
(1 Coríntios 13,1)

A mensagem é poderosa.

Os carismas podem ser impressionantes, mas **não são o mais importante**.

O que está no centro da vida cristã é:

- a caridade
- a santidade
- a união com Cristo

Muitos santos nunca falaram em línguas nem realizaram milagres espetaculares, e mesmo assim transformaram o mundo.

7. O discernimento espiritual em tempos de



confusão

Vivemos numa época em que a espiritualidade às vezes se mistura com emoções intensas, experiências subjetivas ou a busca pelo extraordinário.

Por isso a Igreja sempre insistiu no **discernimento**.

O Espírito Santo age, sim. Os carismas existem. Mas precisam ser avaliados segundo três critérios clássicos:

1. Fidelidade à Escritura

Nenhuma experiência espiritual pode contradizer o ensinamento bíblico.

2. Comunhão com a Igreja

Os verdadeiros carismas constroem unidade.

Nunca geram divisão ou superioridade espiritual.

3. Frutos espirituais

Jesus deu um critério claro:

“*Pelos seus frutos os conhecereis.*”
(Mateus 7,16)

Os frutos do Espírito são:

- paz
- humildade
- caridade



- obediência a Deus
-

8. Aplicações práticas para a vida cristã

Compreender este tema não significa desprezar os dons do Espírito Santo. Pelo contrário: significa **buscar os dons verdadeiros necessários para nossa santificação**.

1. Pedir os dons do Espírito Santo

A Igreja ensina sete dons fundamentais:

- sabedoria
- entendimento
- conselho
- fortaleza
- ciência
- piedade
- temor de Deus

Esses dons são muito mais importantes para a vida diária.

2. Priorizar a oração profunda

Em vez de buscar experiências extraordinárias, o cristão é chamado a cultivar:

- a oração diária
- a leitura da Bíblia
- os sacramentos

É ali que o Espírito age de maneira silenciosa, mas poderosa.



3. Viver a fé com equilíbrio

A espiritualidade cristã não é espetáculo nem emoção passageira.

É **uma relação real com Deus** que transforma o coração e a vida.

9. O verdadeiro milagre do Espírito Santo

Talvez o maior milagre do Espírito não seja falar línguas desconhecidas.

O maior milagre é **transformar o coração humano**.

Transformar:

- o orgulho em humildade
- o egoísmo em amor
- o medo em confiança

Esse é o sinal mais autêntico da ação de Deus.

Os Apóstolos não mudaram o mundo por meio de fenômenos extraordinários, mas porque **viveram radicalmente o Evangelho**.

Conclusão: voltar ao espírito de Pentecostes

O verdadeiro dom de línguas na Bíblia não foi um espetáculo místico. Foi **um sinal missionário** que permitiu anunciar Cristo a todos os povos.

O Espírito Santo continua a agir hoje, mas sua obra principal não é produzir fenômenos impressionantes: é **formar santos**.

Por isso o cristão de hoje é chamado a pedir algo muito mais profundo:



- uma fé firme
- um coração humilde
- uma caridade ardente

Quando isso acontece, o milagre de Pentecostes continua de outra forma: **o Evangelho volta a ser compreendido pelo mundo.**

E então, sem necessidade de palavras incompreensíveis, a própria vida do cristão se torna uma linguagem universal que todos podem compreender: **a linguagem do amor de Deus.**